

## Para onde vai a saudade?

サウダデはどこへいくのか

Mauro NEVES Jr.  
マウロ・ネーヴィス

### abstract

本稿の目的は、現代ポルトガル詩を代表する5人の詩人について解説することに有る。

5人のうち、2人は、その処女作品が90年代に出版された、アナ・マルクエス・ガスタオンとフェルナンド・ピント・アマラルという詩人である。そしてもう1人の詩人、ジョゼー・ルイ・テイシェイラは現在もなおポルトガル詩を代表する詩人と言われている。

残りの2人は、現代のファドを代表するファディスタでありつつ、代表的詩人でもあるヘルデル・モウティニョとマファウダ・アルノーである。

この5人の詩人を選ぶのは非常に困難であったが、詩の選出は更に困難であった。選定にあたっては、今までのポルトガル詩の歴史と特徴を反映している詩を選ぶこととした。

現代ポルトガル詩を代表する5人の詩の中に、ポルトガル詩で最も大切とされる二つの特徴（海との関連とサウダデという感情）がどのように表現されているかを探る。この視点から考察することで、この5人の才能とポルトガル文学における重要な位置づけを確認できるであろう。

### I. Introdução

Neste artigo pretende-se analisar cinco poemas, cada um de autoria de um diferente poeta da mais recente geração de poetas portugueses.

Dos cinco poetas aqui selecionados para análise, dois representam

a geração poética que teve suas primeiras obras publicadas durante a década de 90 e que foram incluídos na antologia organizada por Jorge Reis-Sá<sup>1</sup>: Ana Marques Gastão e Fernando Pinto do Amaral.

José Rui Teixeira representa o “agora” da poesia portuguesa também incluída na mesma antologia organizada por Jorge Reis-Sá<sup>2</sup> e que se refere à geração de poetas que veio a ter suas obras publicadas já no novo século.

Os dois últimos poetas aqui selecionados para análise, Helder Moutinho e Mafalda Arnauth, representam a nova geração de poetas do Fado, tendo ainda em comum o fato de serem *cantautores*, outro aspecto muito comum na recente geração de fadistas.

Selecionar quais poetas para se analisar e, ainda mais quais poemas destes, foi um processo árduo e difícil, como sempre é nesses casos, mas se optou aqui por reunir os poemas desses poetas contemporâneos portugueses que ainda refletissem de alguma forma aspectos comuns à evolução da poesia portuguesa como um todo, principalmente a sua conexão com o mar e a saudade.

## II. Breve referência biográfica aos poetas

Antes de dirigir-se à análise dos poemas propriamente dita, gostar-se-ia aqui de repassar aos leitores alguns dados biográficos dos poetas selecionados.

Ana Marques Gastão nasceu em Lisboa em 1962. Formou-se em Direito pela Universidade Católica Portuguesa. Publicou sua primeira antologia poética em 1998. É atualmente, além de poeta, redatora cultural do *Diário de Notícias* e crítica literária. Teve já poemas seus traduzidos para o francês, o inglês e o espanhol.

Fernando Pinto do Amaral nasceu em Lisboa em 1960. Inicialmente

---

1 Reis-Sá, Jorge (sel. e org.), *Anos 90 e agora: Uma nova antologia da nova poesia portuguesa*, 3.ed. rev. e aum. (Vila Nova de Famalicão: Quasi Edições, 2004).

2 *Ibid.*

frequentou a Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, mas acabou por abandoná-la e transferir-se para a Faculdade de Letras. Atualmente é, além de poeta, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, função que exerce desde 1987. Publicou sua primeira antologia poética em 1990. É também famoso por suas traduções de obras literárias do francês para o português, sobretudo *As Flores do Mal*, de Baudelaire.

José Rui Teixeira nasceu no Porto em 1974, já depois da Revolução dos Cravos. Licenciado em Teologia pela Universidade Católica Portuguesa, José Rui Teixeira é considerado por vários críticos como o mais filósofo dos poetas portugueses atuais. Além de poeta, é professor do Colégio Luso-Francês, teólogo do Centro Catecumenal da Igreja do Porto e editor da *Cosmorama*. Publicou sua primeira antologia poética em 2000.

Helder Moutinho nasceu em Oeiras em 1969. Nascido em uma família ligada ao Fado, desde cedo teve contato com o gênero musical símbolo da cultura portuguesa tradicional e, ao mesmo tempo popular, mas passou na adolescência por várias outras experiências musicais antes de retornar ao Fado. Começou a apresentar-se nas casas de fado por volta de 1990 e lançou o seu primeiro álbum em 1999, depois de já se ter apresentado como fadista também em projetos culturais ligados à Lisboa-Capital Cultural Européia em 1994 e à Expo'98. Os seus primeiros poemas datam da mesma época em que retorna ao Fado e em seus álbuns a grande maioria dos fados segue sendo de sua autoria, sem contar os fados de sua autoria gravados por inúmeros outros fadistas da atualidade, entre eles seus irmãos Camané e Pedro Moutinho.

Mafalda Arnauth nasceu em Lisboa em 1974, já depois da Revolução dos Cravos. Seguiu rumos muito distintos dos fadistas tradicionais, tendo formado-se na Faculdade de Veterinária da Universidade de Lisboa. No quinto ano da Faculdade foi descoberta por João Gil e viu-se levada para as casas de fado. Lançou seu primeiro álbum em 1999, já então recheado de poemas seus, uma característica permanente da sua

carreira como fadista.

Depois desses breves esboços biográficos passa-se, então, à análise dos poemas selecionados.

### III. Os poemas analisados

De Ana Marques Gastão, escolheu-se o seguinte poema sem título.<sup>3</sup>

Sombra sou  
num jardim perdido.  
Memória  
inumana.

Onde estás?  
A tristeza  
é uma árvore  
disforme.

Em que céus  
ou águas  
se acolhe  
teu futuro?

Dor suprema  
a das coisas que ignoro.

Terra sem mãe.

É possível interpretar-se esse poema como um apelo ao futuro da terra-mãe (Portugal) transformada pelo progresso em “terra sem mãe”.

---

3 Gastão, Ana Marques in: Reis-Sá, *Op. cit.*, p. 35. Originalmente publicado em *Terra sem Mãe* (Lisboa: Gótica, 2001).

É um poema que exprime muito da angústia portuguesa que também se refletiu nos poemas da passagem do século XIX para o século XX, sobretudo em Florbela Espanca e Mário de Sá-Carneiro.

É sublime a forma como a poetisa se vê como “sombra num jardim perdido” e marcada pela “dor suprema a das coisas que ignoro”. São expressões que refletem a angústia do ser humano com a chegada de um novo século e as transformações que fazem o planeta cada vez menor.

Portugal, um país marcado por sua história de forma bem diferente dos outros países europeus, reflete-se aqui como de uma “memória inumana”.

Passando a Fernando Pinto do Amaral, escolheu-se seu poema intitulado “Praia”<sup>4</sup>:

### Praia

Feliz, quem sabe, o vento. Sem memória,  
beijando-me nos lábios, ele abraça  
o meu destino às cegas na paisagem.  
É sempre nesse instante que regresso  
à poalha do céu onde começa  
talvez a maldição, talvez o encanto  
de invocar-te em silêncio. Porque, eu sei,  
entre palavras morre a cor dos sonhos,  
o vão pressentimento de estar vivo.

Feliz talvez o vento e no entanto,  
arrasta ainda areia e vagas vozes  
na praia ao abandono. A luz da tarde  
encobriu-se de névoa, só o mar  
ficou perto de mim – agora é simples:

---

4 Amaral, Fernando Pinto do in: Reis-Sá, *Op. cit.*, p. 82. Originalmente publicado em *Acédia* (Lisboa: Assírio & Alvim, 1990).

as ondas trazem novo o teu sorriso,  
movem o seu abismo nos meus olhos,  
mas lágrimas nenhuma vão salvar-me  
o corpo, a alma, as cinzas, esta vida.

Nesse poema é possível sentir-se um profundo reflexo da identidade portuguesa no seu aspecto de ligar solidão e mar, destino e ondas, lágrimas e cinzas.

É ainda um poema que reflete a influência de António Nobre e da sua visão do mar como o caminho entre os sonhos, a realidade soturna e um futuro desaparecido.

Fernando Pinto do Amaral consegue nesse poema sublimemente voltar às raízes portuguesas da visualização do mar como representante máximo da saudade, mas não de uma simples e dolorosa saudade mortal, mas a saudade eterna marcada por abismos e levemente enganada por vezes pelo vento.

Pode se pressentir ainda um resquício de Sebastianismo na expressão “encobriu-se de névoa, só o mar ficou perto de mim”. Só que aqui já não se espera mais a volta do “Desejado”, como em Fernando Pessoa, mas sim de um “novo sorriso”, mas um sorriso que tal como o “Desejado” não virá.

Já de José Rui Teixeira escolheu-se o seguinte poema sem título<sup>5</sup>:

trago dentro de mim um mar imenso  
feito de vagas tristes  
e sonhos vagos

o horizonte é uma manhã  
que eu quis minha para ser eu

---

5 Teixeira, José Rui in: Reis-Sá, *Op. cit.*, p. 331. Originalmente publicado em *Quando o Verão Acabar* (Vila Nova de Famalicão: Quasi Edições, 2002).

e para porto de abrigo escolhi uma tarde  
que soubesse chorar a morte do sol

Esse poema, aparentemente simples, sobretudo na forma, vai bem de encontro à fama do poeta de ser o mais filosófico dos poetas portugueses contemporâneos.

Nada mais compulsório à identidade portuguesa do que expressa o verso “trago dentro de mim um mar imenso”. A ligação da alma portuguesa, e da sua poesia, com o mar é algo ligado quase que à sua própria origem quando a língua portuguesa se estabelece já definitivamente independente da língua galega em finais do século XV.

Mas José Rui Teixeira faz desse mar não apenas “imenso”, mas “feito de vagas tristes e sonhos vagos”, o que reflete ainda mais a identidade portuguesa da procura do sonho além-mar e a tristeza que isso trouxe a Portugal enquanto nação propriamente dita. Aqui também somos em muito reportados a Fernando Pessoa.

Mas o poeta já não está como Pessoa à procura de um destino para sua nação e sim de uma base para sua própria identidade.

A última estrofe do poema é de um profundo Epicurismo exprimido com o sol tendo sua morte chorada pela tarde que se vai num porto que já serve não mais de abrigo a um barco recém-chegado, mas à própria personalidade do poeta que encontrou a sua paz em meio ao mar “de vagas tristes e sonhos vagos”.

De Helder Moutinho escolheu-se “Eu Lembro-me de Ti, Lisboa”<sup>6</sup>:

Eu Lembro-me de Ti, Lisboa

Quando te vejo nascer  
Nas asas da madrugada  
Dos ecos da solidão

---

<sup>6</sup> Poema composto para um Fado de Alfredo Duarte em 2002 e que faz parte de seu álbum intitulado *Luz de Lisboa* (Lisboa: Ocarina, 2004).

Nos ombros da noite escura

Vejo o teu amanhecer  
Numa estrada iluminada  
E sinto o teu coração  
E sinto a tua ternura

Quando te vejo sorrir  
Como se fosses antiga  
Ou talvez uma andorinha  
Cansada de ver o mar

Vejo o teu olhar surgir  
Nos braços de uma cantiga  
Cantiga que se avizinha  
Aos cantos do meu cantar

Quando te vejo partir  
Como se fosses princesa  
Vestida de noite escura  
Despida de solidão

Vejo a saudade a florir  
No jardim da incerteza  
E sinto a tua ternura  
E sinto o teu coração

Lisboa das madrugadas  
Gaivota dos meus amores  
Avenida de saudade  
Terreiro da minha paixão

Janelas enfeitadas  
Enfeitadas com mil flores  
E sinto a tua verdade  
E sinto o teu coração

Esse poema, tal qual muitos outros dedicados por portugueses a Lisboa, constitui-se quase que numa oração a Lisboa. Traz aspectos que o aproximam de Ary dos Santos, “Ou talvez uma andorinha cansada de ver o mar”, ou ainda de David Mourão Ferreira, “gavota dos meus amores”, mas também se liga a uma tradição portuguesa de ligar-se Lisboa e a madrugada, bem como Lisboa e as suas “janelas voltadas para o mar”, aqui transformadas em “janelas enfeitadas / enfeitadas com mil flores”.

A saudade, ponto central da grande maioria dos poemas portugueses e principalmente dos transformados em fados, aparece aqui “a florir no jardim da incerteza”, fazendo com que muito longe de ser um sentimento angustiado, seja um sentimento que preenche a alma de uma forma primaveril ou até mesmo estimulante.

Da mesma forma Lisboa reveste-se da posição de uma “princesa vestida de noite escura” mas “despida de solidão”. É uma forma de expressar-se o que muitos fadistas consideram ser o Fado como expressão do destino, mas não de um destino sombrio, de um destino por si só, com o seu lado soturno, mas também com o seu lado de felicidade e esperança.

Por fim, cabe dizer que Helder Moutinho nos leva por uma Lisboa de ternura, saudade e paixão, mas ao mesmo tempo de saudade e de verdade, num retrato poético da cidade como um todo na sua contemporaneidade.

Finalmente, de Mafalda Arnauth escolheu-se “Há noite aqui”<sup>7</sup>:

---

7 Poema musicado pela própria Mafalda Arnauth e que faz parte de seu álbum intitulado *Esta voz que me atravessa* (Lisboa: Valentim de Carvalho, 2001)

Há noite aqui

Escutem os ecos da noite  
Onde o que é fado acontece  
Nas mil palavras, olhares  
Nos mil desejos, esgares  
De quem mil mágoas padece

Escutem vestígios do medo  
No riso inquieto e sozinho  
E que diz muito em segredo  
“de noite é sempre tão cedo”  
Aonde estás tu, carinho?

Cada copo é revolta  
Cada trago é um grito  
Súplica de alguém affito  
Num bar com um copo à solta  
Vai-se bebendo o incerto  
E tudo o mais é deserto

Escutem as pragas de quem  
Vai mendigando atenção  
Dorme nos bancos que moem  
Por muito louco que o tomem  
Loucura tem seu perdão

Escutem os sons que balançam  
Soam mais alto e tão forte  
Mas já as horas avançam  
As poucas palavras se cansam  
Já ninguém há que s'importe

Mafalda Arnauth tem um estilo cortante de mostrar a realidade do cotidiano que a rodeia numa Lisboa marcada pela desigualdade e pela indiferença, uma imagem muito diferente da Lisboa que Helder Moutinho traz no poema anteriormente analisado.

Pela noite da cidade escutam-se ecos “onde o que é fado acontece”, uma forma metonímica de expressar o próprio Fado ecoando noite adentro quer seja no Bairro Alto ou na Alfama, onde as casas de fado funcionam lotadas e com as portas abertas. Mas aqui, “o fado acontece”, não apenas como canção, mas como “desejos, esgares de quem mil mágoas padece”.

Depois exprime-se um sentimento tão comum ao nosso luso-brasileiro sentimento de a noite ser uma eterna criança e ter-se sempre tempo para aproveitá-la, ainda que seja em desespero à procura de um amor perdido.

Passa-se, em crescendo, ao exemplo máximo da noite desesperada: o bar. É um bar onde misturam-se revoltas, gritos, súplicas, mas acima de tudo onde se sentem e se pressentem a incerteza e a solidão.

Sai-se do ambiente fechado para a rua, apenas para perceber-se que continua a haver a solidão, com “quem vai mendigando atenção”, mas que termina em miséria e loucura pelas ruas, numa descrição metafórica de um final de noite lisboeta.

E no final percebe-se, quase que nos reportando a um poema de Natália Correia, que as palavras são vãs porque “já ninguém há que s’importe”, fazendo com que a saudade e a incerteza expostas percam a sua razão de ser com a volta do dia e do cotidiano que se sobrepoem a mais uma noite de solidão e Fado.

#### **IV. Conclusão**

Espera ter-se aqui exposto um pouco do que a poesia portuguesa contemporânea traz de original, de sublime, mas ao mesmo tempo de tradicional ao reportar-se ainda a idéias muito ligadas a uma

lusitanidade permeante e infinita.

É impossível desligar-se o sentimento em Portugal da sua conotação soturna ligada à saudade e ao mar, sobretudo em Lisboa, de onde são originários a maioria dos poetas aqui selecionados. Mas é preciso também perceber-se que esse caráter soturno está cada vez mais a reverter-se de contemporaneidade e a transformar a saudade não mais em uma busca contínua de um passado histórico relevante e único, sobretudo no contexto europeu, mas em um sentimento que pode preencher de esperança um povo à procura de uma eternidade profundamente preenchida pela saudade, saudade essa agora confundida com esperança.

Esses poetas, como tantos outros em atividade atualmente em Portugal, ajudam em grande parte não só os seus compatriotas, mas também os estrangeiros a compreenderem o processo de transformação por que passa a lusitanidade, quer seja no seu aspecto filosófico, quer no seu aspecto cotidiano, quer no seu aspecto musical.

Que este pequeno artigo seja uma porta aberta para mais profundas pesquisas que procurem compreender a lusitanidade através da poesia contemporânea portuguesa é o que se deseja.